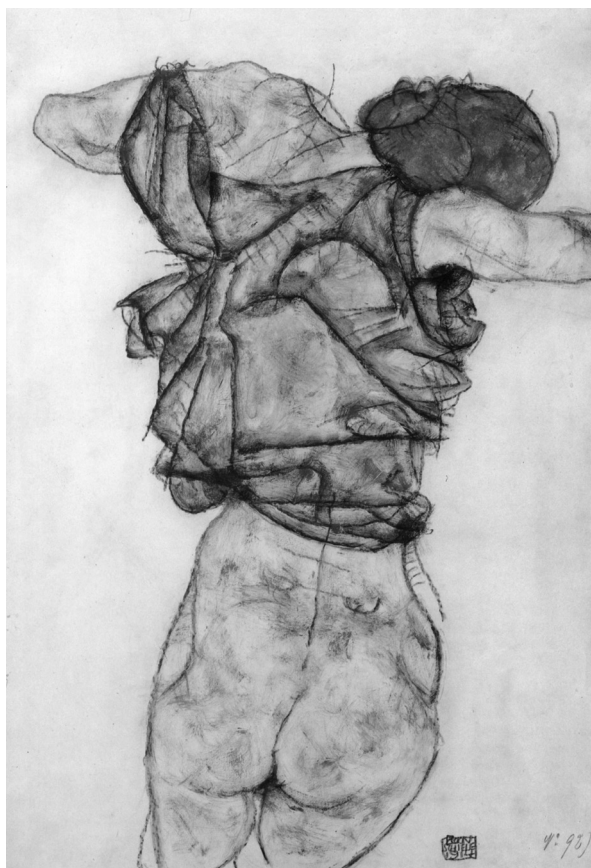


RAQUEL MIRAGAIA

*Corpus*



ATRIVÉS  
editora

ATRAVÉS<sup>51</sup>  
das letras

*Corpus*

1ª edição: setembro 2025

© 2025 AGAL

© Raquel Miragaia

Associação Galega da Língua  
Santiago de Compostela (Galiza)  
atraves@a.gal  
www.atraves-editora.com

ISBN: 978-84-10491-07-6

Depósito legal: C 1424-2025

Na capa: *Woman undressing*, 1914, Egon Schiele

Na contracapa: *Sunflowers*, 1917, Egon Schiele

Fotografia de Raquel Miragaia: Charo Lopes

Coordenação editorial: Valentim Fagim e José João R. Rodrigues

Revisão linguística: Hugo Rios e Valentim Fagim

Diagramação e capa: Miguel Durão

Impresso na Galiza: Sacauntos Coop. Gráfica

Este livro está escrito numa variedade galega do português

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

## *Índice*

A. Ausência	9
Corpus	11
aMar	21
B. Silêncio	27
Segredo	29
Onde me levas?	37
C. Futuro	41
A melhor qualificação	43
Subir de nível	45
Fila	47
Fui eu?	51
Mais um	55
Os deuses	57
D. Beleza	67
Tesouro	69
Música	73
Leve leve	77
O décimo terceiro mês	81



## *A. Ausência*

Um dia acordas com o sentimento de finitude colado ao corpo e a morte torna-se uma realidade tangível, quase podes tocá-la.

Sempre foi assim, desde pequena, quando dormias com o avô e acordavas de madrugada com a ansiedade dele ter morrido. Então deixavas de respirar só para ouvir o seu alento e aquele assobio dos pulmões veteranos devolvia-te à calma. Ou ainda mais pequena, a primeira vez que esse mesmo avô te levou a velar o cadáver da tia e ficaste olhando aquela diminuta imagem amarela, pensando que ela não podia ser aquela boneca, que já não estava ali e o lugar em que estava era, de facto, mais parecido com a luz e com o céu.

Ou cada vez que um morto da tua família te visitava nos sonhos dos dias seguintes e, apesar do desassossego que provocavam em ti, traziam sempre uma mensagem de paz. Faziam um carinho na tua cabeça ou sorriam simplesmente porque ninguém podia vê-los além de ti, sorriam agradecidos porque os olhavas e fazia-los existir com esse olhar.

Também foi assim quando o pai morreu e com ele, a criança que ainda restava nos teus trinta e um anos imaturos. E quando a partir daquele dia a presença do teu pai foi cada vez maior e mais próxima, e com ela, a de todos os mortos anteriores que voltaram a ti tranquilos e sorridentes para lembrar-te.

Sempre foi assim.

Só que hoje, a morte é a tua. E essa segurança tangível é apenas uma afirmação da vida.



## *Corpus*

1.

Não gostava do seu corpo nesse momento. Tinha-se tornado uma carne vulnerável, mole, inchada ao redor do ventre... irreconhecível. Segurava a mão da filha para levantar-se da cadeira ou para subir e descer escadas e sentia que estava tudo invertido. Não, devia ser ela a alentar a Ana nos primeiros passos, ensinar-lhe as devidas precauções, oferecer ajuda na distância... Agora tinha que ouvir essas mesmas indicações na voz condescendente da filha. Já lhe repetira várias vezes que era velha, não burra, mas o assunto tornara-se delicado. Ninguém ensina a deixar de ser mãe.

Não havia muito tempo que tinha deixado de ir à Faculdade. Desde a reforma, continuou cumprindo as suas funções desse duvidoso privilégio de “professora emérita”. Alongou ao extremo esse papel, mas decidiu parar no dia que caiu nas escadas e só não quebrou a anca porque o bolsheiro que tutorava amorteceu a queda. Além da evidente vergonha que passou com a situação, ficou sem argumentos para estender mais a sua vida laboral num momento em que as vagas eram muito necessárias para acolher uma lista de jovens doutores tentando entrar na universidade.

Depois disso, ainda morou sozinha em sua casa por mais cinco anos. A solidão que sempre buscara tinha começado a pensar-lhe quando deu por si a pensar em morrer sozinha. Começou a imaginar o seu corpo abandonado em decomposição na cama, ou pior ainda, no duche, nua. Não era capaz de decidir se aquele pensamento repetitivo se devia ao medo da morte ou a esse outro medo, menos reconhecível, do julgamento dos outros. Não, não queria o seu corpo morto sendo julgado pelos desconhecidos que tivessem que arrombar a porta do apartamento se a sua hipótese se confirmasse.

Nunca pediria aos filhos que fossem morar com ela, mas a Ana teve que voltar à cidade por trabalho e ficou em casa en-

quanto não encontrava apartamento. O enquanto durou muito mais do que o esperado, o mercado imobiliário, tomado pela lógica especulativa, tinha expulsado a maioria da população dos centros das cidades. Quando por fim encontrou um apartamento digno e pagável, a necessidade de cuidado da mãe foi tão evidente que não valia a pena mudar-se. Claro que foi mais fácil assim, não tiveram que tomar decisões difíceis, mas a falta de planificação obrigou-as a conviver sem pactos prévios, fugindo aos conflitos com poucas palavras e muitos atritos pelo confronto de duas formas de entender a vida. A sua, com a sua cabeça ainda muito lúcida, que lutava pela autonomia do quotidiano quando já a autonomia era um sonho inalcançável e a da filha, da Ana, que se entregava ao cuidado sem questionamentos como se a mãe se tivesse convertido nos bebés que nunca teve.

A terceira vez que caiu ao tentar levantar-se no banho, aceitou que não podia mais rejeitar a mão da filha.

2.

Com uma certa discrição, limpa um fio de baba do bordo da boca com um lenço de renda. Gostaria de ter palavras para expressar a luta que trava todos os dias contra si para não pedir a ajuda da filha. A filha, claro. Tem outro filho, varão, não tão longe, mas o suficientemente afastado para que não lhe incomode o fio de baba. Demora uns minutos mais para chamar, poucos minutos, embora na sua cabeça passassem pelo menos duas horas.

— Ana!

Sente o suspiro da filha como se fosse um bufo de animal ferido.

— Agora quê, mãe?

— Preciso ir à casa de banho!

— Tens certeza? Não faz nem 5 minutos que foste a última vez.

O silêncio entre elas tornou-se arma protetora. Aprenderam a usá-lo para não se ferirem, para não se humilharem.

— Tá bom, vou agora, mas depois tens que aguardar pelo menos uma hora. Estou a meio dum trabalho.

Rosa começa a chorar involuntariamente, há frases como aquelas que ferem na sua inconsciência. Sim, aguardará essa hora a mão da filha que a acompanhará até à casa de banho enquanto o xixi começa a molhar a calça. Segura o pranto na certeza de que se não consegue controlar-se antes de a filha chegar, o silêncio não será reparador.

— Ah, não, mãe, agora porque choras?

Ana quebrou o pacto, a Rosa só conseguiria aguentar se a filha guardasse aquele silêncio sagrado.

— Não sei, filha, não faças caso.

Se pudesse, explicaria-lhe que o pranto é mais uma função vital de que tinha perdido o controle. Explicaria-lhe que agora o corpo já não a servia, era ela — e a filha — que estavam ao serviço dele. Aquela carne mole e dorida comandava agora a vida.

Acabou na casa de banho e agarrou a mão que lhe oferecia. Aqueles abraços nunca dados brotavam nesses dias entre os destroços. Pensara naquele tato tão reconfortante da mão da filha e perguntava-se que sentiria ela. Imaginava uma certa rejeição no rosto, talvez provocada pelas suas mãos viscosas, gelatinosas. A cada mês que passava, o corpo ficava menos consistente.

Na realidade, não era rejeição ou nojo o que a Ana sentia. Apenas um espanto contínuo perante a dissolução física da mãe. De vez em quando recuperava aqueles vídeos que lhe tinha feito, quase clandestinamente, na adolescência. A maioria das vezes aparecia sentada na sua secretária, sempre com uma bebida na mão e enterrada entre o papel e o computador, rija, com a coluna muito reta e a carne tensa, e perguntava-se quando tinha começado a decadência. Gravava-a entre as pilhas de livros até que ela reparava e a repreendia com uma crueldade desnecessária:

— Já estás de novo com essa besteira da câmara! Vai fazer alguma cousa que preste!

A mãe era habitualmente afetuosa com ela, só perdia a medida quando a filha mostrava sinais de ser somente mais uma adolescente boba. Não tinha leituras suficientes para lidar com aquilo. Tal como agora, Rosa não encontrou nos estudos, nos livros sisudos das suas investigações, como comportar-se ante a ditadura do corpo. E os treinadores de Internet com o seu otimismo artificial e os seus conselhos negacionistas (se não pensas na dor, não dói) davam cabo dos seus nervos. Tinha chegado àquela idade e àquele corpo sem preparação para isso. Sim, tinha sorte de manter intacto o juízo, como se cuidaram de lembrar-lhe vezes sem conta o corpo médico, a família e as amigas que conservaram a lucidez como ela. Mas essa sorte não a impedia de olhar para si, escrevendo mais um livro e necessitando da filha cada vez que tinha que fazer xixi ou cocó, e ver-se inútil.

— Mãe, não te tortures assim. Como pode sentir-se inútil quem ainda passa cinco horas por dia estudando e escrevendo?

Também a Ana era um mistério que não tinha por onde investigar. Decidira viver com a mãe num momento de precariedade económica e depois fora ficando, assumindo aquele papel sem questionamento nem queixa, sem solicitar do irmão nenhum tipo de compromisso com o cuidado. A Rosa não podia permitir-se a raiva contra ela, mas era o que sentia. Não a tinha educado para isso, tinha feito um esmerado trabalho para infundir na filha a necessidade de autonomia e independência e não essa resignação quotidiana. Agora, nem sequer podia censurá-la sem levar um prejuízo no próprio corpo, sem se arriscar, de novo, à solidão.

Quando chegou o diagnóstico da enfermidade, os médicos quiseram convencê-la de que não era uma doença da idade, apenas tinha tido a má sorte de adoecer. Mas ela afastou a explicação com uma crueldade para consigo mesma que magoou a filha e até o médico.

— Certo, o facto de ter 80 anos não muda nada, não muda sequer que estou perto da morte.

E aí começou a recitar uma série de dados estatísticos incontestáveis que saturaram os médicos e os deixaram sem resposta. Ah, não, não queria ouvir de novo que os 80 de agora não são os de antes, nem que tem tantas pessoas da sua idade praticando desporto diariamente e dançando qualquer coisa alegremente. Ela não era essas pessoas, e se os 80 das outras eram ainda os da juventude, os dela eram os da velhice e não ia permitir ninguém esconder-lhe esse facto. Também não ajudava ter o juízo intacto. Essa característica que era uma bênção para quase tudo, era também uma condenação. Ninguém a ia enganar com aquelas falas mansas de livro de autoajuda de aeroporto. E se alguém viesse com aquele tom de voz infantil que a enervava, podia-se preparar para uma resposta afiada. No começo usava o sarcasmo e a inteligência, mas nesta altura, já passava ao insulto rápido e direto.

— Se quiseres falar-me dessa forma já podes ir batendo-me com um ferro na cabeça, por enquanto entendo a linguagem muito bem. Melhor do que tu.

Foi a resposta que recebeu o filho numa das visitas que lhe fez, quando tentava compadecer-se dela e aproximar-se, falando-lhe como falava à sua filha quando tinha por volta de oito anos. Depois dessa vez, os encontros foram sempre assépticos. Também não tinham praticado muito uma conversa afetiva e entre eles não havia interesses comuns. A Rosa poderia estar-se questionando que papel tinha feito como mãe para que nessa altura já não tivessem nada a dizer-se, mas na realidade não o fazia. Sabia perfeitamente que tinha sido uma boa mãe, uma mãe tão boa quanto lhe era possível. E tinha inteligência suficiente para saber que chega uma hora em que filhos e mães não têm porque ser melhores amigos.

Com a Ana era diferente, respeitavam-se tanto que agora a convivência era sempre uma contenção para manter esse respeito. Não podia dizer que conhecesse muito a filha, de facto, continuava sem compreender a sua presença ali, mesmo sabendo que precisava dela. Numa ocasião, começara uma conversa

sobre a possibilidade de que a filha fosse morar noutra lugar e ela contratasse alguém para tomar conta dos cuidados. A cara da Ana foi um espanto.

— Mas qual é o sentido? Vamos gastar o dobro do dinheiro e vai cuidar-te uma pessoa totalmente desconhecida.

A Rosa, que fora toda a vida um modelo de pragmatismo, lutava agora contra essa organização escrupulosa da filha.

### 3.

Quando perdeu a voz, foi também uma questão física. Continuava a ter muitas coisas para dizer e a cabeça a funcionar como sempre, mas as cordas vocais ficaram atrofiadas. Durante os primeiros meses, comunicou-se com o mundo com texto escrito. Na casa usava um caderno velho, como de escola, e uma caneta, para manter um mínimo de relação humana com a Ana, aquela filha que lhe dava banho com poucas palavras, com um cuidado quase amoroso, sem nenhum sinal de vergonha ou nojo ante a carne que, agora sim, estava derretendo debaixo da pele.

Mal passaram uns três meses, percebeu que não fazia diferença. A Ana ia tratá-la da mesma maneira, pudesse ou não comunicar-se com ela. O mistério em volta da filha crescia com o tempo. A filha, aquela que tinha amamentado com o seu peito agora descaído até à cintura, aquela que tinha criado e educado com uma consciência clara de não cometer os erros que tinham cometido com ela, era agora uma cuidadora perfeita que não precisava de recompensa nem de orientação. Uma mulher à qual parecia não chegar através da palavra, mas que estava lá, numa presença autêntica, contínua e, por vezes, constringedora.

Com o tempo, as comunicações que fazia ao telefone com as amigas que restavam, com o filho varão e com parte da família que ainda lembrava dela, foram também decaindo. Foi assim que Rosa poupou a energia social para fazer aquilo que sempre fez de melhor: investigar. Afortunadamente, as tecnologias tinham avançado tanto que para isso não precisava de ajuda,

podia perguntar diretamente a qualquer assistente virtual pelas referências bibliográficas que precisava, pedir para outra assistente que lesse em voz alta os documentos quando a sua vista ficava cansada demais e ditar, enquanto teve voz, a mais alguma o texto que queria escrever. Toda uma plêiade de empregadas para fazer possível o seu último livro enquanto a filha limpava o resto de comida que ficava, sempre, pendurado no bordo do lábio levemente paralisado.

O desejo de morrer começou a aparecer quando as palavras dos trabalhos que escrevia perdiam sentido e confundiam-se na sua memória. O último livro, um estudo sobre o exercício do poder e o uso linguístico, ficou no quarto capítulo dos doze que tinha planejado. Com o que lhe restava de autonomia, praticou um sorriso escasso e decidiu que não fazia mais sentido nenhum. Se não conseguia limpar a baba com a própria mão, também não precisava de saber os usos linguísticos com os quais exerciam as suas violências os senhores do mundo. E o que era mais importante: as suas ideias sobre o assunto não interessavam especialmente a ninguém. Essa foi a certeza final. Viriam outras e escreveriam livros, tão ou mais interessantes do que os seus.

Ana não quis ouvir falar de organização nenhuma.

— Se quiseres algo específico para a tua morte, deixa-o por escrito, eu não vou conversar sobre isso.

E antes de que a Rosa tivesse tempo de surpreender-se com a resposta, acrescentou:

— E depois já verei se o cumprio ou não.

4.

O corpo de Rosa era agora muito mais fácil de manejar do que quando era viva. Nos últimos anos, parecia que se resistia a qualquer contacto com Ana, especialmente aquele que era obrigatório a Ana fazer: o duche, a mão para levantar-se da cama, o lenço que limpava o bordo da boca... Agora, deitada naquela mesa de tato excessivamente frio e metálico, o corpo era macio

e leve. Rosa escrevera umas instruções muito claras sobre cremação e cinzas, sobre ausência de ritos e encontros sociais e Ana decidiu que bem podia cumprir essa vontade fazendo também outras cousas sobre as quais não tinha escrito nada. Ser cremada não significava que não precisasse levar o corpo limpo e vestido com a roupa que mais a identificava. Por isso, escolheu aquele tanatório onde permitiam à família participar do processo. Observou uma última vez o corpo da sua mãe nu, um corpo que parecia muito mais com a mãe que a tinha criado que essa Rosa com quem conviveu os últimos sete anos, e começou a limpeza. Usou uma esponja mole e de um só uso que passou pelo corpo escrupulosamente, com cuidado de não machucar a pele fina e de não deixar nenhum cantinho sem lavar. Por isso levantou os peitos para lavar as pregas e separou os dedos das mãos e dos pés para limpar o espaço entre cada um deles. Cortou e limou as unhas uma por uma, sem pintá-las, a mãe detestava as unhas pintadas. Fez a mesma operação pelas costas colocando o corpo de Rosa de lado, como tinha aprendido com a enfermeira que estava contratada nos últimos meses. E quando a limpeza tinha acabado, escovou o cabelo, branco e brilhante como fora desde que a mãe fizera os 65 anos, deixando uma cabeleira solta e comprida aos dous lados do rosto. A Rosa sempre tinha sido formosa e nunca tinha sabido disso, demasiado concentrada nas cousas importantes da vida.

Por último, vestiu-a com roupas coloridas, calças de ganga e blusa de lã roxa com uma camiseta grossa interior, era inverno e o frio podia entrar até nos ossos dos mortos. Não lhe vestiu o su-tiã porque sempre tinha rejeitado o uso, mas colocou-lhe umas meias coloridas e desenhadas com flores e pássaros. Embora lhe tivessem dito que não devia levar calçado para a cremação, por causa dos plásticos, ela colocou-lhe os últimos ténis que comprara, ténis que as fizeram rir juntas por última vez, porque Rosa já não podia quase caminhar e comprou uns ténis de corrida, afinal eram os mais confortáveis da loja.

Quando acabou, deixou a Rosa sozinha para ser cremada, como ela desejava, e foi embora. As cinzas que as recolhesse o irmão, se é que queria.